

## A origem da capoeira na literatura de cordel

*Paulo César da Silva Gonçalves*<sup>1</sup>  
*Bruno Otávio de Lacerda Abrahão*<sup>2</sup>

*The origin of "capoeira" in "cordel" literature*

*El origen de la capoeira en la literatura del "cordel"*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o surgimento da capoeira segundo a literatura de cordel, preservada em lugares de memória de Salvador (BA). Buscamos investigar como os cordéis abordam essa prática, os argumentos que mobilizam e as disputas que travam por um lugar da capoeira na memória. Entrecruzamos saberes das categorias conceituais capoeira e lugares de memória, utilizando como fonte a literatura de cordel. Por meio de pesquisa documental, estudamos 27 cordéis, quatro dos quais versam sobre o tema. A análise tomou por base a Análise de Conteúdo. Os cordéis produzidos em terras brasileiras propõem diferentes versões sobre os primórdios da capoeira, os quais se apresentam como um lugar de disputa da memória sobre a sua origem.

**Palavras-chave:** *Capoeira; Literatura de cordel; Lugares de memória; Origem.*

---

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela (UFBA). E-mail: gsilva.paulo@gmail.com

2 Professor adjunto do Departamento de Educação Física, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado e Doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho, na área de concentração Educação Física e Cultura. E-mail: bolabra@gmail.com

## Abstract

This article aims to analyze the emergence of “capoeira” in “cordel” literature, found in places of memory of Salvador (BA). We seek to investigate how the “cordéis” approach this cut, which arguments they mobilize and the disputes they fight for a place in “capoeira’s” memory. We intersect the knowledge of the conceptual categories of “capoeira” and places of memory, using “cordel” literature as a source. As a method, we used documentary research and studied 27 “cordéis”, finding four that deal with the topic. For analysis, we used the Content Analysis. In the “cordéis” produced in Brazilian lands, we found variants that propose different versions of its beginnings, which are presented as a place of dispute of the memory about the origin of “capoeira”.

**Keywords:** *“Capoeira”; “Cordel” literature; Places of memory; Origin.*

## Resumen

Este artículo analiza el surgimiento de la capoeira a través de la literatura de “cordel”, encontrada en los lugares de memoria de Salvador (BA). Investigamos cómo los “cordéis” abordan ese recorte, los argumentos que emergen, y las disputas que procuran un lugar en la memoria de la capoeira. Entrecruzamos saberes de las categorías conceptuales de la capoeira y los lugares de memoria, empleando la literatura del “cordel”. A través de la investigación documental, estudiamos 27 “cordéis”, encontrando cuatro relacionados al tema. Para el análisis utilizamos el Análisis de Contenido. Los cordéis producidos en Brasil muestran variantes que proponen diferentes versiones sobre sus inicios, por lo cual se presentan como lugar de disputa en la memoria sobre el origen de la capoeira.

**Palabras claves:** *Capoeira; Literatura de “cordel”; Lugares de memoria; Origen.*

*Introdução*

**E**xpressão cultural de origem afro-brasileira, a capoeira envolve luta, resistência, música, dança, religiosidade, ancestralidade, rituais, tradições, princípios, filosofia de vida etc. Sua abrangência e amplitude é relativa e depende muito do prisma que se queira dar a ela. Nosso olhar sobre a capoeira também é amplo; porém, nós a entendemos como uma luta de resistência pela libertação de um povo marcado pelos resquícios da escravidão, de pessoas escravizadas e com feridas abertas até hoje pelos mandos e desmandos dos poderes hegemônicos.

Mato que foi cortado, designação de um lutador, local para onde fugiam os negros “desordeiros” à margem da sociedade, espécie de cestos para armazenar capões, luta/dança da cultura afro-brasileira, essas são algumas situações que o termo capoeira recobre. Entre as designações, não podemos esquecer de tipificar a capoeira como cultura de resistência, uma vez que suas origens remetem a um período de proibições, mandos e desmandos sobre uma manifestação cultural de matriz afro-brasileira. Resistência que não se desenvolve apenas no jogar da perna, da rasteira, mas também na luta pela legalização e legitimação desta prática, nos homens e mulheres que dela fazem parte, no histórico combate ao racismo e a práticas discriminatórias.

Dado o significado que a prática assumiu no plano simbólico da cultura brasileira, há uma inclinação a remontar ao passado e ao reconhecimento dos atores que pavimentaram esse processo. Nesse sentido, a tradição ocupa um lugar distintivo e, quanto mais antiga, maior a sua proximidade em relação ao seu estado mais puro, ou seja, àquilo que não foi deturpado pela modernização da dinâmica cultural. Com efeito, há uma disputa em relação ao lugar que determinado ator, região ou cidade ocupa na memória da experiência cultural dos africanos radicados no Brasil, e com a capoeira não é diferente.

A história da capoeira é incerta e a sua origem é uma questão que suscita debates. Parte disto se deve ao lamentável fato de Ruy Barbosa, Ministro da

República nos idos de 1890, ter ateado fogo nos registros dos escravizados recém-libertos, com a alegação de apagar um passado de injustiças e dehumanidades de nossa história. Em verdade, esse foi um desserviço para a compreensão da origem da capoeira, bem como de todas as manifestações de matriz afro-brasileira (CAMPOS, 2009). Com efeito, Rego (1968, p. 30) chama atenção para o fato de que são raros os documentos que registram a origem dos negros escravizados trazidos para o Brasil.

Diante do significado que a capoeira assumiu na cultura brasileira e de sua expansão pelo mundo, atores e representantes de cidades e estados reivindicam o protagonismo do seu desenvolvimento. Nesse sentido, ressaltamos que a origem da capoeira é algo hipotético, porém, percebemos que existe forte inclinação para o entendimento de que o princípio e o fundamento dela nascem no continente africano. Sobre isso, Abib (2005, p. 130) afirma: “No caso da capoeira, a historicidade – o ‘começo’ – é brasileira, mas o ‘princípio’ – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano”. Não duvidamos do nascimento da capoeira em terras brasileiras, pois não há registros em outras terras antes do Brasil (SILVA, 1995).

O Iphan (2014, p. 19) apresenta um mito fundador com base em três horizontes: “a capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados; a capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil; a capoeira é criação dos índios”.

Sobre o primeiro mito fundador, entendemos que lutas/rituais de matriz africana, oriundos de diversas partes e etnias do continente africano – a exemplo da N’Golo ou Dança da Zebra, da região de Mucope, Sul de Angola (CAMPOS, 2009, p. 39); o Muringue, de Madagascar; o Mani, de Cuba; e a Ladja, da Martinica (ABIB, 2005) –, influenciaram o desenvolvimento da capoeira no Brasil por africanos escravizados, uma vez que todas essas manifestações culturais tinham traços de danças utilizadas em rituais por seus povos. Milhares de negros escravizados de Luanda e de Benguela, ou seja, da África Central (REGO, 1968), escoaram pelos portos de São Paulo.

Concernente ao segundo mito, a Bahia, ao longo de quatrocentos anos, recebeu em seus portos o maior índice de negros trazidos do continente africano. Esse traslado se intensificou no século XVI, em função da produção de cana-de-açúcar e do estabelecimento da primeira capital do Brasil em Salvador. Durante os séculos de escravização de negros, a Bahia foi a região que mais teve uma diversificação de povos trazidos de países africanos. Nestas terras, chegaram negros de origem Bantu, Jeje-Mina, Nagô-Iorubá e Hauçã. Com isso, partindo da premissa de que a capoeira foi criada no Brasil pelas diversas etnias de negros africanos, a Bahia desponta como a região que apresentou maior incidência de grupos étnicos (CASTRO, 2001).

Além disso, Mestre Bimba chama atenção para o fato de que “Os negros sim, eram de Angola, mas a Capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado” (SODRÉ, 1991, p. 18). Na fala desse importante ator da capoeira so-teropolitana, observa-se a relação entre o surgimento da capoeira na Bahia e os locais onde os escravizados realizavam suas atividades como mão de obra que sustentava a economia do Brasil colonial e imperial. O Recôncavo Baiano, região que recebeu grandes levas de africanos para se radicar no Brasil, é um dos lugares onde a capoeira parece ter sido uma das experiências culturais praticadas por pessoas que estavam submetidas à escravidão, nos momentos em que não estavam trabalhando. Assim, podemos incluí-la no acervo das diversões e divertimentos criados pela cultura brasileira.

Acerca do terceiro mito, poucas são as pesquisas que confirmem a possível vinculação da origem da capoeira aos indígenas, hoje denominados de povos originários. Para além disso, “[...] a patente na criação da capoeira é uma hipótese de difícil sustentação. Não há documentação ou mesmo relatos de índios que reiviniquem essa paternidade” (IPHAN, 2014, p. 20).

Por outro lado, Silva (1995, p. 10) apresenta a hipótese de que a capoeira tenha essa origem nos povos originários, em razão de uma citação no livro do padre José de Anchieta, de 1595: “os índios tupi-guaranis divertiam-se, jogando capoeira”.

eira”. O argumento parece inconsistente, porque, mesmo que eles estivessem jogando capoeira, isso não representa a origem dela, pois poderiam ter assimilado por meio da aprendizagem com negros africanos ou com crioulos.

O que sabemos com precisão é que vários expoentes despontam no cenário da capoeira, a exemplo de Nascimento Grande, Manduca da Praia, Besouro Mangangá, Aberrê, Bom Cabrito e os mestres Bimba, Pastinha, Caiçara, Canjiquinha, Noronha, Paulo dos Anjos, Waldemar da Liberdade, João Grande, João Pequeno, Ferreirinha de Santo Amaro, entre outros. Desses, Bimba e Pastinha são os mais reconhecidos, por criarem filosofias de capoeira e contribuírem com a sua descriminalização, assim como de outras manifestações culturais de matriz afro-brasileira (ABIB, 2009).

Em vista dessas possibilidades de diálogo com a origem da capoeira, escolhemos a literatura de cordel para esse fim, por sabermos que esse gênero textual<sup>3</sup>, oriundo da cultura oral, se materializa em seu formato escrito com marcas da linguagem verbal popular; com poder de sedução para prender a atenção do leitor – por seus versos rimados e por sua musicalidade –, como também com seus temas diversos que abarcam ironia, erotismo, sensualidade, historicidade, política etc., de acordo com a intencionalidade comunicativa do autor.

Constituindo-se em uma prática gestada no ventre da cultura popular, a capoeira passou a ser tematizada em vários escritos. A literatura de cordel assume um significado especial: narrar a capoeira. Ambas, em suas singularidades, são classificadas e denominadas como cultura popular e coexistem paralelamente à cultura sacralizada como oficial; mas não ocupam o mesmo lugar de destaque, quando comparadas aos cânones literários do Brasil. Isso porque, desde os tempos mais remotos de nossa história, as instituições de ensino consagraram essa literatura como maior e mais importante, sendo valorizada pelo poder político e pelas elites culturais e econômicas, que insti-

---

<sup>3</sup> Textos encontrados em nossa vida diária, com poder sociocomunicativo, dotados de inscrição histórica, social, cultural etc. (MARCUSCHI, 2008).

tuíram certa hegemonia e noção de superioridade em detrimento da cultura popular (AZEVEDO, 2008). No entanto, deixemos claro que não vemos a literatura de cordel como menor, pelo contrário, sabemos de sua importância e relevância, que a colocam no mesmo patamar, quiçá, num lugar mais elevado que as produções tidas como oficiais.

Assim, para este artigo, importa apresentarmos cordéis com a temática capoeira e averiguarmos como eles se reportam à sua origem. Nossa intenção não é procurar nos versos dos cordéis as respostas para a origem da capoeira, mas investigar como esse gênero aborda essa prática, os argumentos que mobiliza e as disputas que trava por um lugar da capoeira na memória. Isso se justifica porque coadunamos com a ideia de Sodré (2002) de que o mais importante para a capoeira é percebermos a importância dela para a cultura, bem como o que a deixa sempre em evidência e em expansão. Dessa forma, tentaremos responder a seguinte questão: como a literatura de cordel se reporta a esta fase dos primórdios da capoeira no Brasil?

Diante disso, este artigo tem por objetivo analisar o surgimento da capoeira segundo a literatura de cordel, preservada em lugares de memória de Salvador (BA). Para tanto, entrecruzamos saberes das categorias conceituais capoeira e lugares de memória, utilizando como fonte a literatura de cordel. Como método, utilizamos a pesquisa documental, por entender o gênero literatura de cordel como um documento. Na metodologia, analisamos 27 obras com o tema em questão, quatro das quais versam sobre as origens da capoeira. Para analisarmos os textos, utilizamos a Análise de Conteúdo de Bardin.

### *Literatura de cordel: breve diálogo com essa expressão da cultura popular*

A literatura de cordel, folhas soltas ou volantes, cruza o Atlântico e chega ao Brasil, nos idos dos séculos XVI e XVII, mediante o consentimento do rei,

depois de passar pelo crivo do censor, o qual era responsável por averiguar a pertinência das obras. Era a continuação do Índex, ou seja, proibições de circulação de livros considerados anticlericais, resquícios da Idade Média (ABREU, 1999). Em naus, pelo oceano, a literatura de cordel portuguesa se trasladou para o Brasil nas bagagens dos colonos portugueses, com os lavradores e os artífices, como afirmou Proença (1982, p. 31), “a gente do povo”. Assim, na perspectiva do cancionista, do cantador português, o cordel chegou ao Nordeste brasileiro e, ao longo do tempo, fixou-se nessa região.

Além disso, grande parte dos folhetos chegou ao Brasil pela família Garnier que, por décadas, comercializou esse produto em livrarias da família (CURRAN, 2000). Essa ação dos Garnier corrobora a materialização da memória de um povo, pela difusão de obras literárias, a exemplo dos cordéis. Sobre isso, Nora (1993, p. 15) propõe que “a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se”. Nessas viagens, romances e folhetos bem conhecidos trasladaram para terras outras, inclusive o Brasil. Assim, títulos como *Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, *Princesa Magalona*, *Imperadora Porcina*, *Donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *João Calais*, entre outros, foram ressignificados com as características de nosso povo (CASCUDO, 1979). Assim, observa-se que parte de nosso acervo inicial de cordéis nasce da intertextualidade dessas produções portuguesas.

Nesse lastro, os temas eram os mais diversos, as narrativas organizadas de maneira similar, com as figuras do herói e do vilão presentes nessas histórias. Cabia aos heróis “coragem, justiça, honra, lealdade, fidelidade, piedade, enquanto o vilão é mentiroso, desleal, vingativo, invejoso, infiel e dissimulado” (ABREU, 1999, p. 57). Na Paraíba, no final do século XIX, precisamente em 1893, coube aos poetas Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde a tarefa de produzir folhetos com características próprias do povo nordestino, com seu jeito de falar e de se expressar (SANTOS, 2006).



Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que apresentava dificuldade quanto a uma definição de seus textos, por questões de gênero e formato, por exemplo, o cordel brasileiro enveredou por um caminho de formação do entendimento muito próximo ao que é feito nas diversas regiões do país. Sodré (2005, p. 143) traz um conceito interessante:

Cordel sabe-se, é a literatura (oral e escrita) dos contadores e cantadores populares, típica de várias regiões brasileiras, mas especialmente do Nordeste – é uma literatura feita de pobres para pobres. Diante dela, a consciência moderna assume atitudes diversas: (1) conservadora, recusando qualquer atribuição de valor ao cordel, por incapacidade de geração de sentido; (2) crítico-liberal, procurando encontrar nos motivos temáticos uma expressão de consciência crítica das massas e sondando vestígios de afirmação de luta de classes, ambigüidades ideológicas etc.

Sodré (2005) traz duas possibilidades de análise dessa literatura: a conservadora e a crítico-liberal. Nossa análise aproxima-se da segunda perspectiva, pois buscamos nuances que reverberem ambigüidades ideológicas, buscando sair da construção conservadora, que, na maioria das vezes, não corrobora outros pensamentos ou mesmo a atribuição de sentidos ao texto.

A literatura de cordel brasileira circulou, em maior proporção, pelos folhetos, mas também fazem parte desse gênero o romance e os livros. Outra característica a se observar é que: “No Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios” (ABREU, 1999, p. 73). Como vemos, a cultura do cordel do Brasil se deu por meio da oralidade, antes mesmo da imprensa.

De certa maneira, a introdução tardia da imprensa nacional foi um dos entraves para a expansão da cultura do cordel. Outro empecilho para o desenvolvimento dessa literatura foi o arraigamento ao modelo português, caracterizado pela imitação de obras de arte e de literatura importadas. Isso, de certa

forma, atrasou a expansão da literatura de cordel brasileira (CURRAN, 2011). Mesmo com essas dificuldades, essa literatura se expandiu e se encontra na contemporaneidade em diversos estados brasileiros.

Nesse contexto, percebemos aproximações entre a literatura de cordel e a capoeira, desde a sua origem, no Nordeste, uma vez que a capoeira tem a sua aparição, em maior escala, nessa região, sendo a Bahia a “Meca” dessa manifestação afro-brasileira; já o cordel nasce na Paraíba. Ademais, essas manifestações da sociedade têm na cultura popular a sua gênese, estabelecendo-se na memória pela oralidade. Vemos, também, forte influência da literatura de cordel em músicas de capoeira, ao narrar/contar/problematizar aspectos culturais, sociais, históricos relacionados à capoeira.

### *Lugares de memória: onde encontrar os cordéis*

Uma categoria conceitual importante para o entendimento tanto dos folhetos de cordel quanto dos lugares em que tradicionalmente são encontrados (feiras livres e bibliotecas) é a categoria “lugares de memória”. Por lugares de memória, lançamos mão dos pressupostos de Nora (1993, p. 19), que os vê como locais que “nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea, que é necessário criar arquivos, comemorar aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, registrar atos, porque essas operações não são naturais”.

Lastreada nas reflexões de Nora de que não existe memória espontânea, Nemer (2011, p. 213), em pesquisa sobre o cordelista Raimundo Santa Helena, afirma que, ao longo de sua vida, esse poeta construiu, em sua residência, um verdadeiro museu com suas obras e de outros cordelistas do Rio de Janeiro e de outras partes do Brasil. Segundo a autora, Santa Helena tinha receio de que as memórias transmitidas pelos cordéis se perdessem, em razão da morte dos poetas.

Dessa forma, ao visitarmos as bibliotecas, as feiras livres, entre outros lugares, no intuito de encontrarmos os cordéis, há uma tentativa de (re)construção e de busca de lugares de pertencimento dessa cultura. Pela catalogação e divulgação desses lugares, existe grande possibilidade de se reconstituir e preservar a memória da capoeira e da literatura de cordel, pois não basta apenas que ela exista, ela tem de ser visitada, utilizada, para dar significado ao seu legado. Nessa perspectiva, Vieira (2003, p. 243) apresenta uma estrofe que traz essa marca do cordel.

Muitos fatos importantes  
Tem se perdido ao léu  
Em função de nossa história  
Não cumprir o papel  
De registrar só o fato  
Inda bem que esse ato  
Faz a trova de cordel.

Ao divulgar os cordéis sobre a capoeira, apoiamo-nos nas reflexões de Nora (1993), contribuindo para o não apagamento da memória da cultura popular afro-brasileira e da memória individual e coletiva de um povo. De acordo com Pinheiro (2018, p. 139):

À medida que a memória de cada indivíduo é revivida quando o ato de recordar é trazido à tona, acreditamos que a memória possa vir a ser ressentida e moldada pelas nossas reminiscências e sentimentos, os mais diversos possíveis, compreendendo assim, que as reminiscências possam ser “Lugares de Memória”.

### *Como se teceu o caminho da pesquisa*

Lançamos mão da análise dos cordéis, por meio da pesquisa documental. Tomamos como referencial as obras sobre capoeira encontradas em lugares de memória de Salvador, procurando selecionar títulos marcados por alguma referência que nos remetesse à origem dessa manifestação cultural. Como

técnica, utilizamos uma abordagem baseada na Análise do Conteúdo, de Bardin (2016), pelo entendimento de que os cordéis são documentos (CELLARD, 2008). Os lugares de memória visitados foram inúmeros, entre eles: Biblioteca dos Barris, Biblioteca do Serviço Social do Comércio (Sesc), Biblioteca Municipal Denise Tavares, Biblioteca João Fernandes da Cunha, Biblioteca Clementina de Jesus e Fundação Mestre Bimba.

Como critério de busca, procuramos localizar cordéis cujos títulos trouxessem o vocábulo “capoeira”. Além dessa palavra específica, ficamos atentos a outras que remetessem a esse contexto, como valentões, valente, brigões, arruaceiros, desordeiros, uma vez que, ao longo de séculos de escravidão, a capoeira ficou à margem de outras culturas, sendo os seus praticantes classificados e inseridos em situações de desordem e, conseqüentemente, identificados por meio de adjetivos pejorativos<sup>4</sup>.

Com base nesse levantamento, realizamos a pré-análise dos títulos, identificando 28 obras com a temática estudada, conforme Tabela 1.

Tabela 1 - Levantamento de títulos sobre capoeira.

N.	Título
01	ALFREDO, Olegário (Gaio). <i>O encontro de um Angoleiro com um Regional</i> , 2005.
02	ALFREDO, Olegário (Gaio). <i>Capoeira: a peleja do Mestre Cavalieri com o Mestre Gaio</i> , 2001.
03	ALFREDO, Olegário (Gaio). <i>A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha</i> , 2003.
04	ALFREDO, Olegário (Gaio). <i>O encontro do Mestre Pastinha com o Mestre Bimba no céu</i> , 2003.
05	ALMEIDA, Renato. <i>Capoeira em cordel e poesias em bordel</i> , s/d.
06	BAHIA, Zumbi; AVESTRUZ. <i>História da capoeira no Recife</i> , 1979.
07	BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. <i>Mestre Bimba capoeira, vida e emoção</i> , 2011.
08	CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. <i>A Bahia na voz do trovador</i> , s/d.
09	CONCEIÇÃO, Antonio R. da (Bule-Bule). <i>Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro</i> . 1991.
10	CONCEIÇÃO, Antonio Ribeiro da (Bule-Bule). <i>Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou</i> . 2003.
11	GARCIA, Víctor A. Itahim (Lobisomem). <i>O encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no céu</i> , 2007.
12	GARCIA, Víctor A. Itahim (Lobisomem). <i>A peleja de Lampião com Besouro Mangangá</i> , 2006.

4 Nessa busca, lemos também obras que traziam alguma menção à cultura afro-brasileira, a exemplo do escrito *A Bahia na voz do trovador* (CAVALCANTE, [s/d]).

13	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). <i>Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias</i> , 2005
14	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). <i>Histórias e bravuras de Besouro o valente capoeira</i> . 2006.
15	GARCIA, Victor A. Itahim (Lobisomem). <i>Zumbi e Bimba: símbolos da resistência afro brasileira</i> , 2006.
16	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>Manduca da Praia: o lendário capoeira do Rio Antigo</i> , 2007.
17	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu</i> , 2008.
18	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>ABC da capoeira para crianças</i> , s/d.
19	MAXADO, Franklin. <i>O folclore do Mestre Muritiba não morreu</i> , 1985.
20	Mulatinho, Isa da Rocha. <i>Mestre Mulatinho: a capoeira de uma vida</i> , s/d.
21	Mulatinho, Isa da Rocha. <i>Capoeiragem no Recife dos brabos</i> , 2007.
22	Mulatinho, Isa da Rocha. <i>Histórias da capoeira pernambucana</i> , 2008.
23	NASCIMENTO, João Sabino. <i>Bahia, eterna Bahia</i> , 1990.
24	PEREIRA, Leandro Tranquilino. <i>De Zumbi ao G.C.A.P.</i> , 1995.
25	SILVA, Antonio Alves da. <i>O Valente João Corta-braço e o Negroêndiabrado</i> , s/d.
26	VIEIRA, Antônio. <i>A briga memorável do capoeira com o carroceiro por causa de uma prostituta</i> , 2003.
27	VIEIRA, Antônio. <i>A valentia justiceira de Besouro de Santo Amaro</i> , 2003.
28	VIEIRA, Antônio. <i>O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens</i> , 2003.

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Dessas obras, quatro abordam o surgimento da capoeira: 1. *História da capoeira no Recife*; 2. *A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha*; 3. *Mestre Bimba capoeira, vida e emoção*; 4. *ABC da capoeira para crianças*.

A leitura das obras foi seguida da categorização dos cordéis encontrados. De acordo com o que preconiza Bardin (2016), optamos pelo critério semântico e encontramos seis categorias, elegendo a categoria dois para análises e discussões, de acordo com a Tabela 2. Ressaltamos que a ordem dos cordéis na tabela é de acordo com o encontro das obras nos lugares de memória.

Tabela 2 - Descrição das categorias encontradas nos cordéis.

Categoria	Obra
1. Pelejas, discussões, embates entre capoeiras	<i>O encontro de um Angoleiro com um Regional</i> <i>O encontro do Mestre Pastinha com o Mestre Bimba no céu</i> <i>Capoeira: a peleja do Mestre Cavaliere com o Mestre Gaio</i> <i>O encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no céu</i> <i>A peleja de Lampião com Besouro Mangangá</i> <i>O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu</i> <i>O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens</i>

2. Origens da capoeira	<i>História da capoeira no Recife</i> <i>A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha</i> <i>Mestre Bimba capoeira, vida e emoção</i> <i>ABC da capoeira para crianças</i>
3. Histórias para crianças	<i>Que golpe de capoeira é esse?</i> <i>ABC da capoeira para crianças</i>
4. Valentes e brigões	<i>Histórias e bravuras de Besouro o valente capoeira</i> <i>Manduca da praia: o lendário capoeira do Rio Antigo</i> <i>A briga memorável do capoeira com o carroceiro por causa de uma prostituta</i> <i>A valentia justiceira de Besouro de Santo Amaro</i> <i>O valente João Corta-braço e o Negrão Endiabrado</i>
5. Bravuras e vitórias	<i>Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias</i> <i>Zumbi e Bimba: símbolos da resistência afro brasileira</i> <i>Mestre Mulatinho: a capoeira de uma vida</i> <i>Mestre Bimba capoeira, vida e emoção</i>
6. Glórias	<i>O Folclore do Mestre Muritiba não morreu</i> <i>Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro</i> <i>Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou</i> <i>Capoeira em cordel e poesias em bordel</i> <i>Bahia, eterna Bahia</i> <i>De Zumbi ao G.C.A.P.</i> <i>Histórias da capoeira pernambucana</i> <i>Capoeiragem no Recife dos brabos</i>

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Essas quatro obras sobre o tema permitem uma leitura singular e importante da história da capoeira. Não é demais dizer que a ida aos cordéis não visa buscar comprovações de teses dos diferentes mitos fundadores da capoeira, mas sim ler o que a cultura popular diz sobre essa luta. Ademais, nossa intenção aqui é perceber como os cordéis se reportam aos primórdios da capoeira, em diálogo com autores que trazem a questão da origem dessa manifestação cultural.

O cordel de Renato Almeida, *Capoeira em cordel e poesias em bordel*, traz indagações sobre as impossibilidades de definir a origem da capoeira, pela falta de documentos. No entanto, afirma que de Angola veio o maior número de negros escravizados, sendo a Bahia o seu destino. Assim, o cordelista discorre em seus versos.

[...]  
Mesmo assim conseguimos  
Alguma coisa arranjar  
Veio mais negros de Angola  
Do que de outro lugar.  
E por isso que o angoleiro  
Poderá ser o primeiro  
Só não podemos é provar.

[...]  
Capoeira é da Bahia  
Angola, ou de que lugar?  
Se não tem documentos  
Como é que vamos falar,  
Eu faço interrogação  
Não vou dar informação  
Se não posso confirmar. (ALMEIDA, s/d, p. 9)

Com base nessas conjecturas, veremos o que os quatro cordéis encontrados dizem acerca da origem da capoeira, nos lugares que guardam a memória dessa prática.

### *Um diálogo com as impressões do escrito*

Passamos a apresentar possibilidades de sentidos nos quatro cordéis selecionados para este fim. Por meio de analogias e inferências, tomamos as mensagens como mote e procuramos contribuir com o legado da capoeira. Assim, de certa forma, buscamos um diálogo com Geertz (2008, p. 4), quando ele afirma: “assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. A ideia é apresentar outros entendimentos da cultura da capoeira pelos cordéis, com foco concernente a sua origem.

### História da capoeira no Recife

Quanto aos estados que reivindicam o surgimento da capoeira, três se digladiam para colherem louros em relação à criação de culturas populares

brasileiras: Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Nesse sentido, presenciamos discussões homéricas se o samba nasceu no Rio ou na Bahia; se a capoeira nasceu na Bahia ou em Pernambuco. A estrofe do cordel do Mestre Zumbi Bahia trata disso.

Vou contar uma história que no Brasil sucedeu  
Na Capitania de Pernambuco  
Foi onde aconteceu  
A Criação da Capoeira.  
Em função da resistência  
Ela ainda não morreu. (BAHIA; AVESTRUZ, 1979)

A única certeza que temos sobre esse nascimento em Pernambuco é que nesse estado, sua cidade principal, Recife, é evocada nas lembranças como palco de uma das grandes experiências de transporte de escravizados do continente africano, pois nela se encontrava um dos maiores portos do Brasil, o Porto de Galinhas. No entanto, essa informação deixa uma grande lacuna, pois outros portos se constituíram em cenário parecido, a exemplo dos portos do Cais da Conceição da Praia e do Valongo, na Bahia e no Rio de Janeiro, respectivamente.

Não é possível responder à pergunta sobre onde nasceu a capoeira no Brasil. Porém, pelo contexto de importância e “chegada” de povos escravizados no país, acreditamos que o local mais provável de criação da capoeira seja a Bahia, que teve, ao longo de 400 anos, um elevado índice de circulação de negros em portos, tanto chegando quanto partindo.

No século XVII, não houve mudanças no quadro de escravizados oriundos do continente africano, tendo em vista a produção e escoamento do fumo no Recôncavo Baiano, como também a descoberta de minas na Bahia e em Minas Gerais. No século XVIII, registrou-se o aumento da produção do fumo no Recôncavo Baiano e a transferência da capital do Império para o Rio de Janeiro. Com isso, aumentou o transporte de negros; além disso, muitos negros da Bahia foram para o Rio. No século XIX, a família real chegou ao Rio de Janeiro e a nova capital do Império passou por transformações, não somente



em questões de infraestrutura, mas também nas searas sociais e culturais (CASTRO, 2001).

No que concerne à distribuição dos negros trazidos do continente africano pelo território brasileiro, a Bahia foi o estado que teve maior diversificação, pois, ao longo de séculos, negros de diversas etnias foram trazidos para essas terras (CASTRO, 2001). Dessa forma, a probabilidade de ser a Bahia o local de criação da capoeira é bem maior do que Pernambuco.

Em 1965, Mestre Bimba, em debate com outro magistral capoeira, o Mestre Pastinha, disse rejeitar a teoria de que a capoeira tivesse sido criada em terras africanas. Segundo ele, a capoeira nasceu nas regiões baianas de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré por negros oriundos de Angola (SODRÉ, 1991, p. 18). Nesse sentido, não duvidamos da criação da capoeira em Pernambuco, apenas apresentamos possibilidades de não ser nessa região que isso se deu.

#### A ladainha de Mestre Bimba com Mestre Pastinha

A obra aborda o encontro de dois grandes mestres (Bimba e Pastinha) em uma manifestação popular de grande relevância – a Festa da Conceição da Praia – que demonstra a boa relação entre capoeiras<sup>5</sup>. A ladainha descreve costumes e possibilidades dessa forma de comunicação (corrido ou quadra).

Ao evidenciar as possibilidades desse diálogo cantado, simultaneamente, o cordel narra inspirações encontradas na natureza para cada movimento/golpe dentro da capoeira. Essa obra contribui para reflexões sobre os processos históricos das capoeiras (angola e regional), contribuindo para o conhecimento dessa manifestação cultural. Quanto às origens da capoeira, falaremos do seu início com a capoeira primitiva, a qual difere tanto da regional quanto da angola.

---

<sup>5</sup> Nome atribuído ao praticante da capoeiragem.

Foi dos próprios animais  
Que surgiu a capoeira  
Da zebra veio a cabeçada  
Da cascavel a rasteira  
Do peixe o rabo-de-arraia  
Do macaco a bananeira. (ALFREDO, 2003, p. 2)

Com base nos textos que lemos, tudo leva a crer que existe um consenso sobre o começo da capoeira em terras africanas, não da forma que a conhecemos no Brasil, mas em lutas-rituais, a exemplo do Engolo/N'Golo, ou dança das zebras, do Mani, da Ladja, da Bassula, da Kamangula etc. Dessas, pelo menos duas tinham relação direta com os animais, a Bassula e o Engolo, sendo que a primeira era praticada por pescadores, daí a referência aos peixes, a exemplo da arraia, cujo rabo é cortante e venenoso. Talvez por isso deu-se o nome de rabo-de-arraia, por analogia, a um dos golpes mais mortais da capoeira. A segunda luta, o Engolo, é inspirada na zebra em momento de luta. Esse animal, quando em defesa e ataque, desfere cabeçadas muito potentes, além disso, seu coice é uma arma mortal.

Como vimos, os negros escravizados foram trazidos para o Brasil de várias partes do continente africano e eram vendidos para os senhores de engenho como mercadorias. Como estratégia, esses mercadores compravam negros de diversas etnias e os colocavam juntos nas senzalas, como uma tentativa de inibir a socialização entre esses povos, uma vez que muitas nações brigavam entre si em suas terras de origem. Isso pode ser visto como um terreno fecundo para o desenvolvimento de uma luta/dança com várias raízes, a exemplo da capoeira, a qual, mesmo com similaridades com outras lutas, como a Ladja, o N'golo, o Muringue etc., é diferente e ímpar na forma de praticar, cantar e tocar os instrumentos (REGO, 1968).

### Mestre Bimba: capoeira, vida e emoção

A escravização de povos do continente africano é anterior ao século XVI, mas foi nesse período que essa prática excludente e desumana se corporificou, em

função do “progresso econômico”. Nesse contexto, Portugal se destacou no desbravamento de outras terras e no mercantilismo e no escravismo, a fim de sair da penúria econômica pela qual passava (REGO, 1968).

Nesse transporte de negros para o Brasil, não foram somente os corpos prontos para o trabalho braçal que chegaram nas naus, vieram também culturas, saberes e vivências de povos. No entanto, apesar de os senhores quererem transculturá-los em sua totalidade para dominá-los, os saberes não se apagam com facilidade. A capoeira pode ser vista como parte dessa herança, como se observa no trecho a seguir:

É no século XVI  
Que essa arte então decola  
Através dos africanos  
Que chegaram de angola  
E mais tarde a capoeira  
Se transforma numa escola. (BARRETO, 2011, p. 1)

A estrofe, que relaciona a origem da capoeira no século XVI à vinda dos africanos, se aproxima do que aprendemos desde cedo nos livros de História do Brasil. Contudo, até mesmo essa designação vinda de Angola é muito tênue, porque essa localidade é muito ampla e sempre houve confusão de sua territorialidade, antes denominada região de Guiné, a qual abrangia outras, a exemplo Benguela etc. (REGO, 1968).

Rego (1968) argumenta que muitos negros africanos libertos retornaram ao continente africano e levaram consigo muitas culturas adquiridas em terras brasileiras, não somente inventadas por eles aqui, mas também resultantes do processo de transculturação com povos originários e portugueses. Informa, ainda, que, em documentos localizados e nas conversas com capoeiras antigos, se afirma que a capoeira tem origem em terras brasileiras.

No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no

convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. (REGO, 1968, p. 31)

Ainda em relação a essas referências históricas, Marinho (1956, p. 3-5) apresenta vários significados do vocábulo “capoeira” em dicionários, dentre os quais podemos destacar a referência de Caldas Aulette: “Capoeira – negro que vive no mato e acomete passageiros (é nome injurioso); capanga”. J. T. da Silva Bastos registra: “Capoeira – s.f. (Bras.): Mata que se roça ou que se pode roçar; s.m.: negro sertanejo, que assalta os viandantes; capanga; (Bras.): jôgo atlético dos crioulos brasileiros (Corr. do tupi copuéra)”. Também registra Cândido de Figueredo: “Capoeira 2 – (Bras.): Mata, que sucede à mata virgem que foi roçada ou destinada a roçar-se. M. Negro sertanejo que assalta os viandantes. Capanga. Jôgo atlético dos crioulos brasileiros (Do tupi Capuéra)”.

Nesses registros do termo capoeira, chamam atenção as passagens de Caldas Aulette e Cândido Figueredo, concernentes à identificação da capoeira com um jogo atlético de crioulos, por sabermos que essa referência é atribuída a negros nascidos no Brasil. Nesse sentido, por analogia, inferimos que esses autores deixam pistas de que a capoeira possa ter a sua origem vinculada a brasileiros no Brasil. Por outro lado, Marinho (1956, p. 6) assevera não ter dúvida de que a capoeira nasceu no continente africano e foi trazida para o Brasil pelos povos Bantus. Como argumento, afirma que os negros Bantus, principalmente os vindos de Angola eram indolentes, espirituosos, não gostavam de trabalhar, mas eram afeitos à festa, ao batuque e ao “bom viver”. Marinho (1956, p. 8) supõe também “que a capoeiragem fosse inicialmente praticada pelos Angolas não como meio de defesa, mas dança religiosa”.

Por outro lado, a informação de Barreto é muito importante, pois permite inferir a origem da capoeira, mas não o seu início, isso porque, em Angola, nesse período, não havia capoeira, pelo menos não aquela que conhecemos nos primórdios no Brasil. O que havia nessa época eram rituais de iniciação, por exemplo a Bas-

sula (ABIB, 2009). Isso leva a uma ideia, quase uma frase feita, de que a capoeira teve sua origem em terras africanas, porém seu início se deu no Brasil.

Sodré (1991, p. 17) afirma que as origens da capoeira remontam ao século XVII, relacionando-a aos trabalhadores negros em situação de escravidão no Brasil, colônia portuguesa, desde o século XVI. Porém, não explica se esses negros eram africanos ou crioulos, ou seja, negros nascidos no Brasil.

A transformação da capoeira em escola se deu com o Mestre Bimba, no decorrer de seu trabalho, com a autorização para dar aulas de cultura física em ambientes fechados. Alguns pesquisadores, como Abreu (1999), falam da institucionalização da capoeira como parte do projeto de higienização das ruas do Brasil. Se isso foi um projeto de governo, não obteve sucesso, pois a capoeira regional, realizada em recintos fechados, incentivou sua proliferação, todavia, a capoeira não deixou de ser praticada nas ruas. Pelo contrário, ela se corporificou, em virtude de a capoeira antiga também ter se modificado em sua prática.

### ABC da capoeira para crianças

A obra apresenta uma linguagem simples e clara, adequada para o público infantil. De forma instrutiva, inicia as 26 estrofes do cordel com uma palavra ora relacionada ao universo da capoeira, ora às virtudes e personagens da capoeira, a exemplo do Mestre Waldemar da Liberdade<sup>6</sup>. É um ABC, verdadeiramente, um cordel introdutório para um/uma jovem se iniciar na capoeira, guiado pela ordem do alfabeto. Um dos aspectos importantes desse cordel se vê na estrofe a seguir sobre a origem da capoeira:

Kamangula e Bassúla  
São lutas dos angolanos  
N'Golo é a dança da zebra  
Nos rituais africanos  
Da origem da capoeira  
Há muitos e muitos anos. (GARCIA, 2007, p. 2)

<sup>6</sup> Exímio tocador de berimbau e responsável por pintar esse instrumento com as cores da Bahia (ABREU, 2003).

Nessa estrofe, o autor apresenta três lutas originárias do continente africano, especificamente, do Sudoeste, região dos Bantus. Dessas a que mais tem ressonância é o N’Golo, ou Engolo, por ser uma dança-luta ritual, que acontecia na festa denominada de Efendula, rito de passagem da puberdade à vida adulta pelas mulheres, que estariam, a partir de então, aptas ao casamento. Para ter o direito de “desposar” a menina-mulher, dois rapazes se digladiavam (ABIB, 2005).

### *Considerações finais*

Neste artigo, observou-se que a capoeira e a literatura de cordel se entrecruzam e contribuem com o legado da cultura popular. Além disso, percebemos que o gênero textual cordel propicia leituras de mundo sobre várias temáticas, sendo a capoeira uma delas. Nessa relação, identificamos o quanto as discussões sobre a capoeira estão presentes nos cordéis, os quais não se voltam somente para o entretenimento, pois há informações importantes acerca dessa prática. Pelo verso, pela rima, pela oração o leitor amplia seus horizontes sobre a capoeira, seja pelos instrumentos, pelos “causos” dos mestres antigos e seus feitos em brigas etc.

Importante, também, a percepção do cordel como um lugar de memória fundante, para que gerações vindouras possam ter acesso a histórias acerca da sua e de outras culturas. Assim, ao ler um cordel, reminiscências podem surgir e a memória individual, instigando o leitor a buscar outras leituras para a compreensão, por exemplo, de fatos históricos relacionados a determinado tema, como a capoeira.

Embora a Bahia seja narrada como a terra do surgimento da capoeira no Brasil – estado denominado “Meca” da capoeira, seja pela ressonância dos feitos de mestres como Bimba, Pastinha e Besouro<sup>7</sup>, seja pelos capoeiras mais

---

7 Apesar de na época de Besouro não existir a denominação mestre, o fizemos aqui como homenagem. Da mesma forma com Alípio, Bentinho e Benedito, mestres griôs pelas vivências.

antigos como os africanos Mestre Alípio de Santo Amaro, Mestre Bentinho e Mestre Benedito –, nos próprios cordéis, encontramos uma contestação a essa narrativa hegemônica, uma vez que alguns deles reivindicam para o estado de Pernambuco a paternidade da capoeira no Brasil. Nos cordéis produzidos em terras brasileiras, encontramos diferentes versões sobre os primórdios da capoeira, e, dessa forma, eles se apresentam como um lugar de disputa da memória.

### Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Salvador: EDUFBA, 2005.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Mestres e capoeiras famosos da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

ABREU, Frederico José de. *Bimba é bamba: a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

ABREU, Frederico José de. *O Barracão do Mestre Waldemar*. Salvador: Organização Zarabatana, 2003.

ABREU, Márcia Azevedo de. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALFREDO, Olegário [Gaió]. *A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha*. Capa com desenho de Evaristo Barbosa. Belo Horizonte: [S. n.], 2003.

ALMEIDA, Renato. *Capoeira em cordel e poesias em bordel*. Xilogravuras de Ademar Lopes. Salvador: [S. n.], 1970.

AZEVEDO, Ricardo. Cultura popular, literatura e padrões culturais. *Blog Ricardo Azevedo*. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Cultura-popular.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.

BAHIA, Zumbi; AVESTRUZ. *História da capoeira no Recife*. Capa com xilogravura de Marcelo Soares. Recife: [S. n.], 1979.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. *Mestre Bimba capoeira, vida e emoção*. Salvador: Akadicadikum, 2011.

CAMPOS, Helió. *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1979.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks Editora, 2001.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Bahia na voz do trovador*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, [197-?]. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/CordelFCRB/47028>. Acesso em: 5 mai. 2021.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CURRAN, Mark Joseph. *Cuíca de Santo Amaro: controvérsias no cordel*. São Paulo: Hedra, 2000.

CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). *ABC da capoeira para crianças*. Capa com xilogravura de Erivaldo. Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva; Museu da República, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.



IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Roda de capoeira e ofício dos mestres de capoeira*. Brasília: IPHAN, 2014.

MARINHO, Izenil Penna. *Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil*. Rio de Janeiro: EDFND, 1956.

NEMER, Sylvia. O cordel no Rio de Janeiro: memórias e lugares de memória. In: MATOS, Edilene (org.). *Arte e cultura: memória e transgressão*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 211-232.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 1-22, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso em: 14 nov. 2021.

PINHEIRO, Gilmara Ferreira de Oliveira. As fotografias como lugares de memórias: lembranças e reminiscências das escolas paroquiais do padre Alfredo Haasler. In: MOLINA, Ana Heloísa; LUZ, José Augusto Ramos da (orgs.). *Museus e lugares de memória*. Jundiaí: Pacco, 2018. p. 137-156.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 3. ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

REGO, Waldeloir. *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SILVA, Gladson de Oliveira. *Capoeira: do Engenho à universidade*. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. *O Brasil simulado e o real: ensaios sobre o cotidiano nacional*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

VIEIRA, Antônio. *O cordel remoçado: histórias que o povo conta*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2003.

*Recebido em: 6 de maio de 2021*

*Aprovado em: 11 de dezembro de 2021*